



RECENTRALIZAÇÃO E OS SERVIÇOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Susana Mara Miranda Pacheco
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
susanamp@uerj.br

Pensar o centro do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XXI, para os geógrafos dedicados ao estudo da geografia urbana, pode nos compelir à busca de uma abordagem do espaço urbano que considere as temporalidades e, sendo assim, a dinâmica produtora de formas espaciais e conteúdos cunhados no processo evolutivo da sociedade urbano-industrial, a partir de um processo de centralização. Daí procede a noção de centralidade e aglomeração de funções de natureza intrínseca ao desenvolvimento capitalista, através da qual identificamos esta área da cidade como central. Concentrando um conjunto de atividades, pessoas e objetos que se combinam, dando funcionalidade e dinamismo ao espaço, a área central desde os princípios do século XX é devedora da participação dos serviços na definição do uso do solo. De lá até os dias atuais, muitas transformações se processaram na organização do espaço interno da cidade, mas a relação entre urbanização e terciarização não perdeu seu prestígio, quando se trata de entender o centro da cidade. Pensando nas formas-conteúdo (SANTOS, 1996), verificamos que os prédios que evoluíram diacronicamente encerram práticas exercidas por agentes sociais em suas instituições e firmas, cuja forma de organização do trabalho também mudou ao longo do tempo. Essas mudanças podem ser observadas no centro, assim como as permanências e justaposições.

Neste artigo nos propomos a apresentar algumas considerações sobre o papel basilar das atividades terciárias na recomposição do centro da cidade do Rio de Janeiro¹. O recorte temporal é o período marcado pelas repercussões da globalização econômica e cultural na dinâmica territorial, definindo espaços no âmbito da produção, circulação e consumo de serviços. Portanto, este período — que para efeitos desta análise pode corresponder aos dois últimos decênios — evidencia um fenômeno de reincidência na área central da cidade de uma concentração de atividades vinculadas ao setor de serviços, destacando-se as inovações postas em marcha pelos serviços às empresas (DANIELS, 1985; ALLEN, 1988) e a permanência de uma gama de

¹ Estamos denominando "centro" o núcleo da área central, prescindindo de incluir na análise a zona que estaria na periferia imediata deste núcleo. Sobre o assunto ver DUARTE, 1967.

serviços tradicionalmente participantes do conjunto do setor. No tocante ao recorte espacial, a ênfase será dada ao tradicional CBD (*distrito central de negócios*) sendo os dados disponibilizados a partir de pesquisa realizada neste núcleo aglutinador de negócios, trabalho e profissões, que tem como principal referência o eixo delimitado pela Avenida Rio Branco.

Em termos teórico-metodológicos podemos iniciar encaminhando o seguinte questionamento: *podemos pensar em recomposição do centro do Rio de Janeiro e que a dinâmica dos serviços está participando ativamente de um processo de recentralização?*

Para começar partimos da premissa que a globalização foi pedra de toque da recentralização no Rio de Janeiro. A partir daí, podemos ponderar o seguinte: Primeiramente, se na economia urbana o setor de serviços às empresas não domina no âmbito da geração de postos de trabalho, fazendo prevalecer o emprego no setor de serviços ao consumo final (DANIELS, 1985) há, no centro da cidade, evidências de que o atual processo de terciarização tem repercutido favoravelmente na dinâmica do território, recompondo-o com base nos limites intrínsecos ao estágio de desenvolvimento em que a sociedade local se encontra. Na escala do centro é possível definir uma complexidade referenciada pelas determinações externas, do mesmo modo que interagem forças internas que ora acatam ora rejeitam o movimento processual de mudanças. Em segundo lugar, a tradição de centralidade na área central carioca constitui um elemento para a instauração de um modelo de recentralização capitaneado pelas firmas e instituições que resistiram em sua posição no *ranking* empresarial do Rio de Janeiro, completando o modelo a ação na esfera da política de revitalização das atividades culturais que reafirma as qualidades do centro histórico e o espaço público. Em síntese, o processo de recentralização reforça os espaços das firmas e das instituições, que reúnem um conteúdo de tipos de trabalho e categorias profissionais que se encontram e combinam funcionalmente no âmbito da produção e consumo de serviços, favorecendo a configuração de novas formas de convivência no espaço.

A nova ordem econômica define a situação do emprego, mas as profissões mais tradicionais na sociedade brasileira se mantêm com a força de sempre: os advogados, os médicos (e dentistas) e os engenheiros, que se mantiveram como profissionais liberais e empregados de firmas. Também se reforçam os serviços financeiros, assim como os serviços às empresas. A valorização do solo urbano como motor do crescimento urbano pode ser observado na presença de imobiliárias e administradores de bens. Ligados às transformações técnicas que marcam a sociedade informacional e a nova divisão social do trabalho, o ramo da informática, desde a

fabricação à venda de equipamentos e a consultoria técnica, reúne no centro do Rio um número significativo de emprego (ver gráfico).

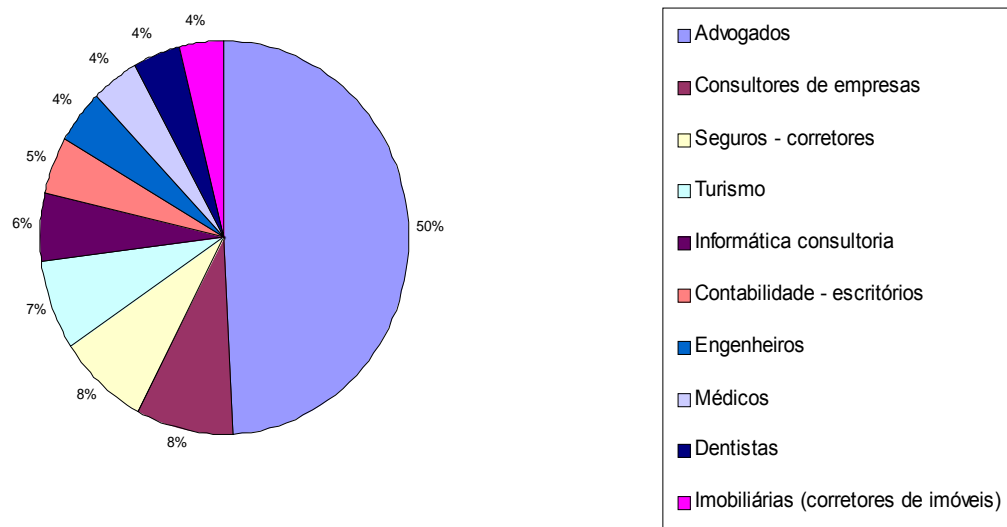
No contexto qualitativamente novo da globalização, o centro da metrópole carioca continua reunindo o emprego no setor terciário: desde o mais tradicional ao mais avançado. Grandes firmas têm sua sede localizada em endereços no CBD, confirmando a territorialidade consolidada ao longo do século, ficando o padrão alternativo basicamente por conta dos bairros de Botafogo e Barra da Tijuca. A permanência da concentração do emprego terciário no centro tradicional se explica pelas condições pré-existentes: a capacidade operativa como lugar de concentração de capital e economias de aglomeração, suporte para a atuação de firmas, isto é, as infra-estruturas consolidadas e a concentração de investimentos. A elas se somam os suportes técnicos que identificam o meio técnico-científico informacional, para o qual o espaço do centro contribui em sua essência. Mas o centro reúne também o capital simbólico intrínseco à sua condição histórica, fato que contribui para a manutenção de atividades vinculadas às instituições públicas no âmbito da cultura e da administração.

O centro define-se também pelo consumo final, no qual se insere o comércio. No âmbito do comércio varejista as mudanças organizacionais nas firmas acompanham os novos consumidores no coração terciário junto ao espaço de negócios. Ocorre renovação para atender ao novo modelo econômico, renovando-se o emprego e as técnicas de venda e as práticas de consumo. Não são mais os magazines e lojas de departamento de antes, que desapareceram no último quartel do século XX. Novas formas comerciais se juntam configurando o território das firmas no centro do Rio, reforçando a qualidade de acessibilidade desenvolvida historicamente. Vale mencionar, ainda, que a reafirmação do centro como espaço das firmas vinculadas ao chamado terciário superior (LIPIETZ, 1988), detendo os trabalhos qualificados, ativa o consumo igualmente qualificado, estimulando a localização de lojas sofisticadas nos térreos dos edifícios de escritórios, nas ruas mais dinâmicas, no entorno da Av. Rio Branco, quer dizer, seletivizando o uso do solo nas zonas de renovação mais significativa. Tanto que o comércio popular vai se concentrando num outro eixo da área central, no quadrante que se define a partir da rua Uruguaiana e em direção norte (PACHECO, 1999).

Em resumo, a dualidade da cidade está expressa espacialmente no centro. O incremento das atividades dos serviços especializados gera o consumo dos empregados qualificados, o que se manifesta no comércio de luxo que se instala na zona correspondente aos escritórios de firmas ao

passo que o comércio popular combinado ao comércio ambulante respondem pela dinâmica do consumo de trabalhadores inseridos num mercado de trabalho precário. Tanto um quanto outro compõem a estrutura sócio-espacial do centro nos inícios do século XXI. Agora o contexto é outro, mas a idéia de centro persiste na pós-modernidade que recupera para ele o mote de lugar de inovações e de difusão das tendências de globalização, sendo estratégico para sua recomposição o papel dos serviços na divisão territorial do trabalho. Portanto, parece oportuno falar em recentralização como um novo processo, gerador de novas bases territoriais. Parece plausível dizer, também, que o espaço mantém a centralidade, ainda que as condições intrínsecas para a definição do conceito mudem e se adaptem às novas realidades e temporalidades.

Principais Serviços no Centro do Rio de Janeiro - 2003



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, J. Service industries: uneven development and uneven knowledge. *Area*, 20 (1), 1988.
- DANIELS, P.W. *Service Industries: a geographical appraisal*. London, Methuen, 1985.
- DUARTE, A.C. et al. *A Área Central da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IBGE, 1967.
- LIPIETZ, A. *O Capital e seu Espaço*. São Paulo, Nobel, 1988.
- PACHECO, S.M. O comércio e sua dinâmica no centro do Rio de Janeiro. *Boletim GETER*, Ano 2, nº 2, 1999.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo, Hucitec, 1996.